

Os jornais e a construção da propaganda durante a 1.ª República

O caso da apreensão da poesia de Afonso Lopes Vieira
Ao Soldado Desconhecido (morto em França), 1921

Cristina Nobre – ESE/IPL/CIID



A CONJUNTURA EM PORTUGAL

3 primeiras décadas do séc. XX

- 1.^a REPÚBLICA
 - queda da Monarquia
 - instauração do novo regime da República, em 5 de Outubro de 1910
 - tempos revolucionários, repletos de esperança e de desejo de mudança, com projectos e ideais arrojados e modernos, centrados no indivíduo e no poder da instrução como motor da igualdade, da fraternidade e da liberdade
- ESTADO NOVO
 - dias agitados e convulsões sociais, económicas e políticas de toda a ordem
 - instauração de uma ditadura militar, em 1926, com o golpe militar de Gomes da Costa, que põe fim à 1.^a República
 - corolário, instauração do Estado Novo, regime ditatorial que havia de durar até à revolução de Abril de 1974

EUROPA EM CONVULSÃO

- envolvimento na Grande Guerra de 14-18
- revolução comunista russa de 1917
- implantação do fascismo italiano (1922)
- ditadura de Primo de Rivera em Espanha (entre 1923 e 1930)

PORTUGAL NO RESCALDO DA GRANDE GUERRA

- Batalha de La Lys (9 de Abril de 1918), onde as tropas portuguesas, apesar de batidas, tiveram ocasião de se distinguirem
- fim da Grande Guerra (11 de Novembro de 1918)
- malograda experiência de Sidónio Pais, assassinado em Dezembro de 1918
- domínio da revolta monárquica liderada por Paiva Couceiro (que deixava o país na eminência de uma guerra civil)
- O governo de António José de Almeida procurou estabelecer alguns equilíbrios no país:
- Fixou em 8 o número de horas de trabalho diário;
- distinguiu os níveis infantil e primário no ensino, procurando reduzir a alarmante taxa de 70% de analfabetos;
- tentou congregar os portugueses à volta de grandes ideais patrióticos

Qual o papel desempenhado por Portugal durante a Grande Guerra?

- Dar um sentido às mortes de tantos jovens, sentido que resgatasse Portugal da pequeníssima compensação que lhe era atribuída pela Sociedade das Nações e restituísse aos portugueses o orgulho no sacrifício da sua pátria e dos seus filhos
- A TRASLADAÇÃO de dois anónimos SOLDADOS DESCONHECIDOS mortos durante a Guerra (um em África e outro em França) aparecia como a sublimação capaz de mobilizar toda a população à volta dos seus mortos, contribuindo assim para criar uma unidade de ideais e afirmação patriótica
- A IMPRENSA aparecia como o instrumento mais eficaz para fazer essa propaganda e divulgar junto da opinião pública uma certa apetência pelo acontecimento visto como uma festividade nacional, aproximando a massa anónima do povo dos ideais míticos de uma nação

PROPAGANDA POLÍTICA

à volta do *SOLDADO DESCONHECIDO*

- Novo motivo de mitificação histórica – acontecimentos que a maioria dos portugueses não tinha ainda conseguido assimilar na sua visão ideológica da Grande Guerra e da participação de Portugal nela
- Fusão de dois tempos históricos – o do PRESENTE recente e o do PASSADO glorioso (o séc. XIV, nos campos de Aljubarrota, quando uma nova dinastia se tinha justificado na e pela vontade e união de todo um povo)
- BATALHA como lugar da sepultura dos soldados – heróis da nacionalidade, cujo anonimato garantia que nunca o Povo tinha estado tão presente nas decisões governamentais
- Governo não monopolizava em Lisboa os actos políticos da nação; procurava criar uma união entre todas as regiões, valorizando o seu contributo para o comum espírito patriótico

Reacção dos JORNALIS da região de Leiria

- discurso do Padre Ferreira de Lacerda, director do jornal *O Mensageiro* (19-III-1921: 1), principal porta-voz da facção monárquica na região de Leiria

ADL, *O Mensageiro*, 19-III-1921



O BISPO DE LEIRIA, José Alves Correia da Silva, provisão feita aos seus diocesanos

(O Mensageiro, 2-IV-1921: 1)



- Os CATÓLICOS e os MONÁRQUICOS, pela voz dos seus representantes máximos, aceitavam que o evento assumisse todo o peso simbólico de que vinha investido, prestando-se ao esquecimento de discordâncias anteriores e fomentando a concórdia em nome de valores superiores:
- a tradição pátria;
- a memória dos mortos;
- o amor pela pátria.
- Nem uma vez a palavra religião aparece - preservação de uma unidade nacional que nada devia fazer perigar.

Jornais representativos da facção REPUBLICANA –

Distrito de Leiria e Povo de Leiria



- acentuam o lado afectivo e humano da questão: ênfase sobre as mães que perderam os seus filhos em nome do ideal superior da República
- colocam em destaque os governantes republicanos que architectaram e concretizaram esse plano humano e patriótico
- Projectam os soldados anónimos para o papel de heróis em destaque
- modalizam uma recepção interpretativa ideal do acontecimento

ADL, *Distrito de Leiria*, 10-IV-1921 e *Povo de Leiria*, Abril 1921

Artigos do *Povo de Leiria*, respectivamente de 18 e de 26 de Maio de 1922,
“Mais coroas para os Soldados Portuguezes Desconhecidos”,
em que a presença de representantes governamentais da **Polónia** e da **China**
é realçada como factor positivo para o orgulho nacional

ADL, *Povo de Leiria*, 18 e 26-V-1922

**Mais coroas para os
Soldados Portuguezes
Desconhecidos**

No dia 16 de Maio corrente, a Polónia, por intermedio do seu representante em Lisboa, mandou depôr uma coroa no monumento da Batalha, associando-se assim á homenagem prestada aos Soldados Portuguezes Desconhecidos. O sr. Ministro da Polonia era acompanhado por um adido militar francès e por um official portuguez, o sr. Artur Gerardo Bastos dos Reis.

De Leiria foram acompanhados pelo sr. Governador Civil,—Secretario Geral, Comandante Militar Julio José Lage e pelo sr. Dr. Alonso Zúquete, presidente da Comissão nomeada para elaborar o projecto das sepulturas daquelles soldados e do museu em que devem ser guardadas as insignias comemorativas dos mesmos.

Espera-se em breves dias tambem a homenagem da China.

**Mais coroas para os
Soldados Portuguezes
Desconhecidos**

Foi, no dia 19 do corrente, a China que, por intermedio do seu representante em Lisboa, depôs no Monumento da Batalha uma linda coroa em homenagem aos Soldados Portuguezes Desconhecidos.

O representante da Republica Chinesa era acompanhado por um official do Estado Maior, pelo Comandante d'Infantaria 7 e pelo Governador Civil e Secretario Geral de Leiria. Pronunciou em francès um discurso sobre o acto, elogiando a collaboraçã dos soldados portuguezes na grande guerra.—respondendo-lhe o Secretario Geral em termo de muito elogia para a China.

O n.º 69, do jornal *Distrito de Leiria*, de 10 de Abril de 1921



- uma série de artigos muito interessantes
- plêiade de intelectuais representativa
- espelham a elite intelectual republicana do tempo
- revelam a sua consonância com a imagem pública que o governo e os representantes institucionais tinham feito passar do acontecimento

JÚLIO DANTAS, no artigo “Os heróis desconhecidos”, como síntese da postura deste grupo

- estereótipo dominante na imprensa, corroborado e explanado em todos os seus cambiantes pelos intelectuais republicanos afectos ao regime
- difusão orquestrada do acontecimento e respectiva interpretação, sobretudo pela imprensa, com o apoio incondicional da elite cultural da época
- necessidade de estabelecer uma continuidade histórica entre a dinastia de Avis, interpretada como a primeira representante da vontade popular, e a jovem República, com o culto dos heróis anónimos e a criação de uma consciência colectiva afectada aos símbolos e valores veiculados pela ideologia republicana



TEÓFILO BRAGA

alarga a interpretação do episódio

- justificação histórica de ordem hierárquica superior, no conceito de defesa da civilização ocidental e compromisso de honra com a Inglaterra, antiga aliada de Portugal
- análise dos factos políticos recentes (o assassinio de Sidónio Pais e as consequências directas para os contingentes militares)
- latitude interpretativa na qual o rescaldo da Guerra, em lugar de uma orgulhosa vitória, era lido como uma lamentável catástrofe relacionada com a inconstância da política interna portuguesa durante o período considerado

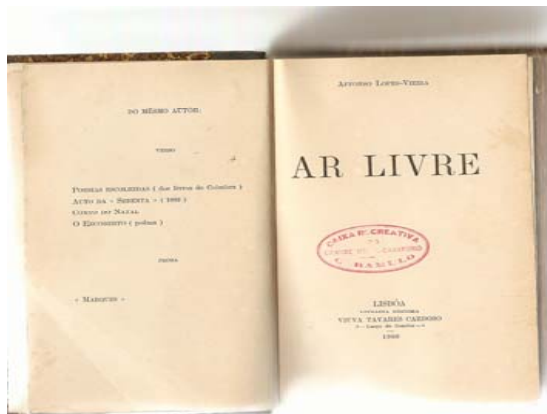
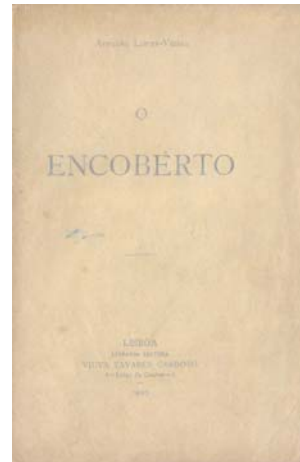


AFONSO LOPES VIEIRA (1878-1946)



- Pertencia ao núcleo desta elite cultural
- Exercera as funções de redactor da Câmara dos Deputados, entre 1901 e 1916, cargo que lhe granjeou amizades ecléticas com os nomes mais importantes da política nacional, de todos os quadrantes e facções

As oscilações ideológicas de LOPES VIEIRA



- bibliografia sobre o período 1903 - 1910, em que um certo pendor para os ideais anarquistas parece ter tentado o escritor (Seabra Pereira, 1978, 1979 e 1981; Pereira, 2001; Nobre, 2005, I)
- um processo de crise existencial e ideológica

Colaboração com as revistas de índole republicana:

Arte & Vida e *Atlântida*

- *n.º 2*, Dez. de 1904, pp. 57-8, com o poema inédito “A uma ‘Nossa Senhora’ grávida (num museu)”;
- *n.º 9*, Julho de 1905, p. 383, com o poema “Elogio da redondilha”;
- *n.ºs. 10 e 11*, Jan.-Fev. de 1906, pp. 418-22, com os poemas de *Ar Livre* “Os mortos” e “A vida e obra d’uma borboleta”.
- *n.º 1*, 15 de Nov. de 1915, p. 44, com “Os dois sebastianistas”;
- *n.º 2*, 15 de Dez. de 1915, pp. 103-6, com a prosa elegíaca de homenagem a “D. Maria Augusta Bordalo Pinheiro”;
- *n.º 6*, 15 de Abril de 1916, pp. 553-67, com a conferência de Coimbra em 2 de Junho de 1915, “Camões em Coimbra”;
- *n.º 14*, 15 de Dez. de 1916, p. 99, com a pré-publicação do “Prólogo das *Ilhas de Bruma*”;
- *n.º 17*, 15 de Março de 1917, pp. 334-9, com “Saudades trágico-marítimas”;
- *n.ºs 29-30*, Março e Abril de 1918, pp. 600-7, com a conferência de 16 de Março, “A propósito da obra poética da Sr.^a D. Maria Amália”.

Esfriamento de relações com os intelectuais republicanos

- Qual o grau de envolvimento de Lopes Vieira com o episódio falhado da Junta Governativa do Reino, no Porto, durante os meses de Janeiro e Fevereiro de 1919, liderado pelo seu amigo, e figura muito admirada, Henrique Paiva Couceiro?
- carta dirigida a João de Barros, em 31 de Março de 1919

João de Barros

V. aproveitou a ocasião em q. me julgou *por baixo* — dado o seu ponto de vista — para me saltar em cima aos pés juntos, englobando-me entre as "cabeças fracas". Na realidade não me considero *por baixo*, porq. as mh^{as}. condições são bastante diversas das suas, por exemplo, na época do *Anteu* e em Dezembro de 1917. Mas o seu artigo é um facto e, embora eu não julgue q. V. se me referiu p^a. me apontar as medidas de *saneamento* da Republica, nem por baixeza de character, ele representa uma leviandade cuja gravidade compromete as nossas relações.

Lembrando acima aquelas datas tão importantes na sua vida, tive um fim: — recordar-lhe como a minha amizade e a minha lealdade foram, então, mais carinhosas e vigilantes. E é com esta recordação q. lhe digo adeus. / [...].

(BNLx., N11 / 3030)

Insólito episódio da defesa de Hipólito Raposo em Tribunal Militar, em Julho de 1920



- a primeira e única vez em que Lopes Vieira exerce o papel de advogado, defendendo o amigo monárquico ;
- uma conjura que revela o abuso de poder da República no seu afã para eliminar toda e qualquer oposição;
- arquitecta um texto literário de resposta e de intervenção, intitulado *Contra os Mouros* .

BML: *Rememranças*, vol. I, f. 128r.

O equívoco dos INTEGRALISTAS LUSITANOS:

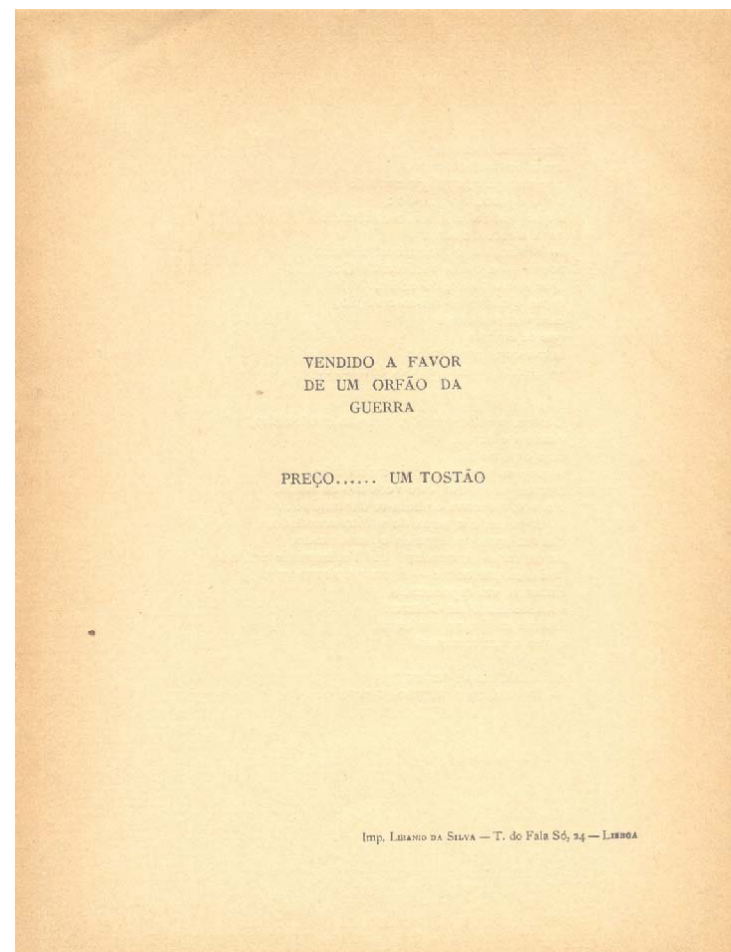
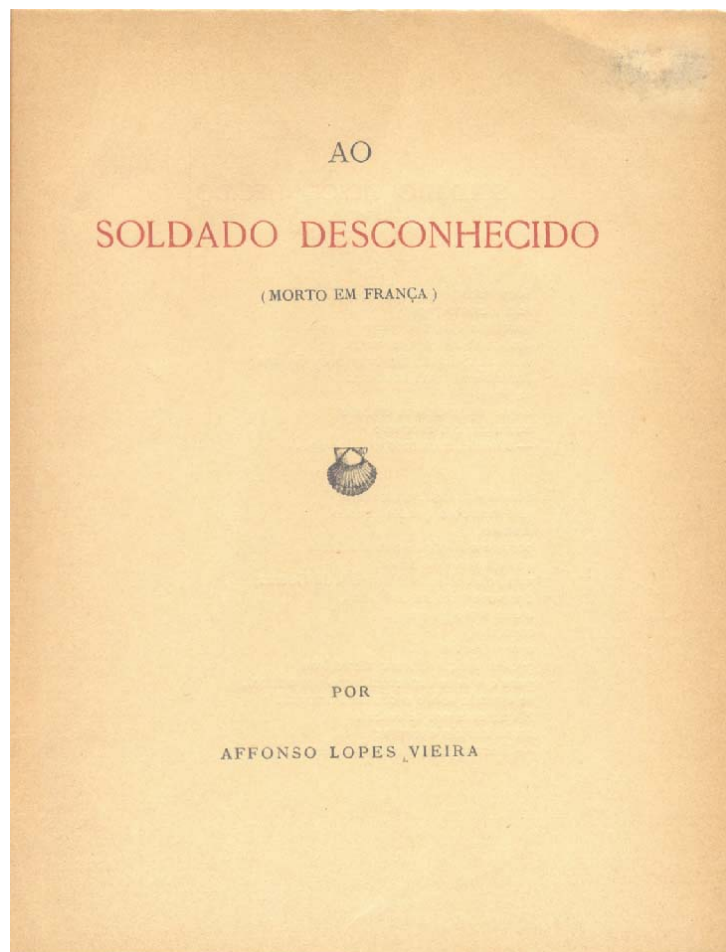
o *neo-Garrett* de Portugal

- “[...] A eles me prendem afinidades de espírito porque em muitos pontos da batalha nos viemos a encontrar como irmãos de armas. Mas, não tendo a honra de lhe pertencer oficialmente, — habituado como estou a manter uma independência que me é indispensável, — posso dizer que este tem sido o mais consciente dos núcleos de pensamento contemporâneo. Reagindo com mística bravura, por mercê de uma crença estabelecida em bases orgânicas, contra a mentira caduca e já arruinada da actual sociedade política e económica, os integralistas são os portugueses que **sabem o que querem**. // E o seu esforço, mesmo quando outros resultados não desse, sempre daria este: ficar como um documento de honra e de coragem.”

(revista *Gil Vicente*, ano IV, n.º 126, de 4-II-1923)

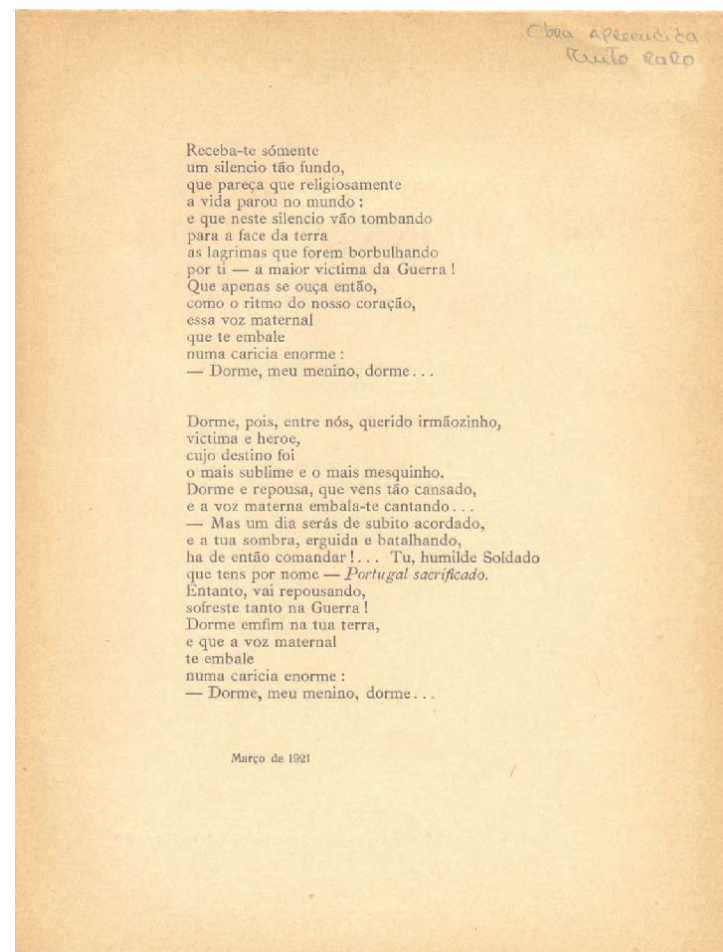
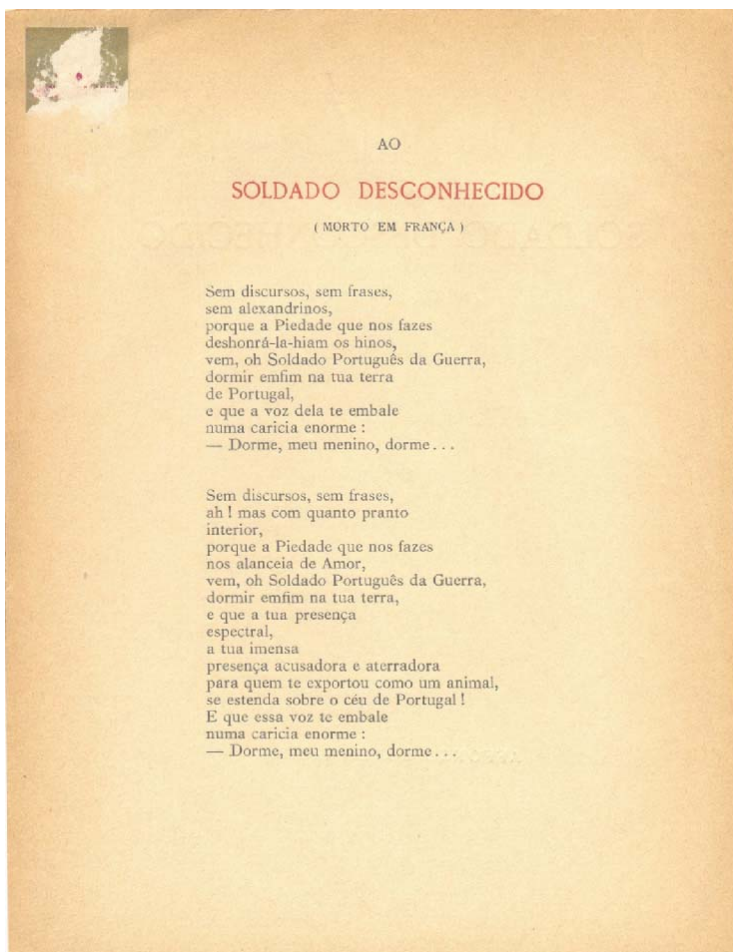
Março de 1921 - detenção de Lopes Vieira no Governo Civil de Lisboa, para interrogatório sobre a poesia que acabara de publicar e tinha sido apreendida pela polícia, por se considerar que lesava os interesses da

pátria

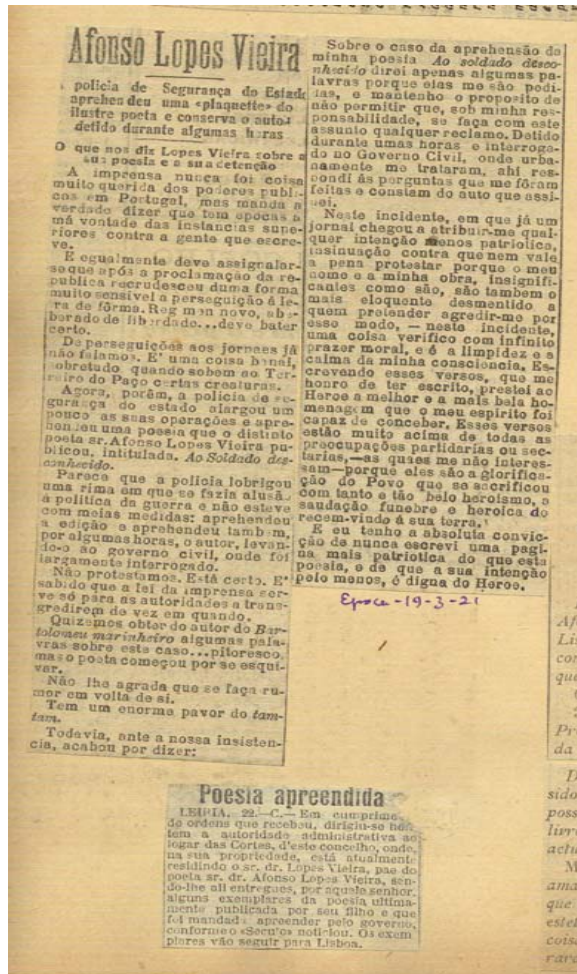


A interpretação a dar a alguns dos versos, ou, pelo menos, a possibilidade de serem lidos através de uma perspectiva de ambiguidade e ironia, transformou a poesia num acto de intervenção

contra o governo



O jornal *A Época*, de 19 de Março de 1921, foi um dos poucos a dar destaque à notícia

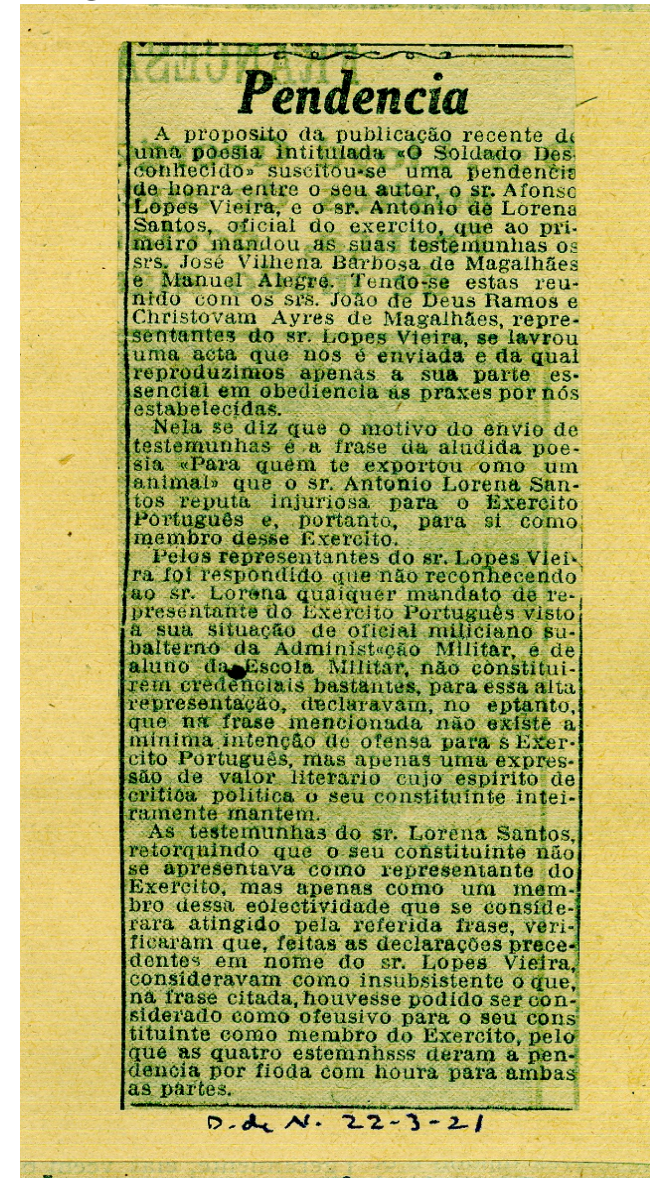


- O discurso veiculado coloca a imprensa do lado do poeta censurado, numa óbvia ligação do discurso jornalístico com o discurso poético, ambos sujeitos a afrontas de uma lei da imprensa que se dizia democrática, mas na prática demonstrava o oposto;
- O escritor acaba por publicar comunicado onde evidencia a sua consciência cívica e intelectual em acção: prejudicado por um acto de repressão das suas liberdades criativas, recusa-se a deixá-lo confundir-se com um acto político, ou um acontecimento público a partir do qual alguns grupos partidários pudessem tirar dividendos políticos.

"Para quem te exportou como um animal"

- Pendência entre Lopes Vieira e o sr. António de Lorena Santos, oficial do exército, que reputava injurioso para o Exército português e, portanto, para si como elemento dessa instituição, o verso do poema

BML: *Rememranças*, vol. I, f. 128v.



Poderia um simples poema fazer balançar uma posição ideológica tão bem orquestrada pelo poder político e pela elite cultural republicana,

veiculada com tanta consistência pela imprensa da época ?

- A imprensa queria eliminar os traços do acontecimento para o futuro, sem manchar as comemorações do dia festivo que se avizinhava em 10 de Abril
- Lopes Vieira tinha muitas relações de amizade e, se ninguém se atreve a publicar na imprensa (ou se a imprensa não aceita publicar nada sobre o assunto...), algumas reacções encontram-se entre a sua correspondência particular

BML: *Cartas e outros escriptos [...]*, vol. VI, cap. 28, Carta de Teixeira de Pascoaes, fs. 1

2 Abril 1921
Amante

Meu querido amigo:

Felicitá-o, como maior entusiasta, pela tua bela poesia! glorifica o martir e o cap-tivo e o carniceiro. É bem natural que se re-doem... a alma, quando fere, e' terri-vel!

tu tens um grande e ingenuo entusiasmo pela causa dos Aliados, e julga-se que a nossa intervenção daria nome, qualidades, ao Portugal. Mas o heroísmo, afinal, não é contagioso... Culpamei-me redonda-mente! O nosso exército não fez nada lá fora e despraca-nos cá dentro. É a trágica verdade que os heróicos não

Carta "Portugal na Guerra"

in *Diário de Lisboa* (5.ºaf, 28 de Abril de 1921), na sequência da entrevista "Os Mutilados da Guerra ao Abandono?" (de 3.ºaf, 26 de Abril de 1921)



BML: *Rememranças*, vol. I, f. 130v.

BML: *Rememranças*, vol. I, f. 130v.

- tenta encontrar uma explicação para a "lenda urdida" à volta da sua poesia apreendida;
- reafirma-se o poeta do *instinto da nação*, pelo que qualquer *anti-intervencionismo* lhe seria penoso;
- o desalento de Lopes Vieira perante a vida política do país e a classe dirigente intensifica-se e não o abandonará mais até ao fim da vida.

O exílio na própria Pátria...

“Aforismos do Cativo de Argel”

•in rev. *Labareda*, 2.^a ser., n.º 6, Junho de 1925, p. 125

Quando apelidei *Moiros* os invasores de Portugal, achei em verdade a expressão histórica. Foi a Mourama a nossa inimiga avoenga. Mourama é a gente inimiga de hoje, que a prolonga.

É agora grande alegria, em Portugal, encontrar *Portugueses*. Fala-se então o mesmo idioma, reza-se ao nosso Deus na comum linguagem.

Experimenta-se, em suma, o gosto de ser da mesma terra!

Somos Cristãos e Portugueses: Somos a Nação porque guardamos o seu Espírito. Porém o Estado é moiro: anti-cristão e, portanto, anti-nacional. Eis a tragédia em que se resume o *Cativo de Argel*.

Numa democracia, entra para a esfera do arbítrio tudo o que seja coibir ou coarctar a faculdade de assentir ou dissentir do que seja, desde o mais fútil ao mais sagrado.

— Foram moiros que me levaram ao Governo Civil e me confiscaram o meu poema — declarava Afonso para os amigos e o mesmo disse na dedicatória do exemplar que me ofereceu. Moiro era o espírito alieno, demagógico, espúrio, anti-português ao actuar como causa eficiente deste despautério e de tantos mais da vida nacional.

(Aquilino Ribeiro, [1949]: 322)

Censura e reforço da vontade de actuação crítica na causa pública

- O controlo exercido pelos poderes políticos é sempre uma tentação de hegemonia, à qual a poesia pode, em certas circunstâncias de agudizada crise social e política, responder com mais eficácia do que seria de esperar.
- Lopes Vieira aprendera alguma coisa com o lamentável episódio e tirará proveito próprio desse poder da imprensa, perdendo a ingenuidade quando se tratar da publicação de textos mais ousados.

